

Nível de Conhecimento dos Adolescentes das Escolas do Município de Itajaí-SC Sobre o Vírus Papiloma Humano (HPV)

Knowledge Level of the Adolescents in Schools of the Municipality of Itajaí-SC about the Human Papilloma Virus (HPV)

Fernanda Suélly Schuaise Badotti^{a*}; Renata Barth Almeida^a; Maria Regina Orofino Kreuger^a

^aUniversidade do Vale do Itajaí, Curso de Medicina. SC, Brasil.

*E-mail: fernanda.badottissb@gmail.com

Resumo

A adolescência constitui um período de maior risco de infecção pelo HPV, sendo esse considerado o principal fator de desenvolvimento do câncer de colo uterino. A fim de avaliar o nível de conhecimento de estudantes de escolas do município de Itajaí-SC acerca do HPV e suas vacinas, promover a difusão das informações sobre medidas profiláticas, formas de infecção e prevenção do HPV, realizou-se este estudo direcionado aos alunos do Ensino Fundamental e Médio de três colégios do município de Itajaí-SC, contando com 315 participantes, de idades variando entre 10 e 19 anos. O levantamento ocorreu através de questionário realizado nas próprias salas de aula. O estudo revelou que quase a totalidade dos alunos já ouviu sobre o HPV, e apontaram as relações sexuais como principal maneira de transmissão. Somente metade dos participantes afirma que ambos os sexos podem ser infectados. Menos da metade dos participantes confirma ter recebido a vacinação. A pesquisa apontou que há predomínio de participantes com compreensão das informações básicas sobre o HPV e suas vacinas. Conquanto, o conhecimento é menor sobre as formas de transmissão, prevenção e do fato de que ambos os sexos podem ser infectados e vacinados.

Palavras-chave: Adolescência, Papiloma Vírus Humano. Vacinação.

Abstract

Adolescence is a period of increased risk of HPV infection, which is considered the main factor in the cervical cancer development. In order to evaluate the students' knowledge level of the municipality of Itajaí-SC on HPV and its vaccines, promote the dissemination of information on prophylactic measures, forms of infection and prevention of HPV, this guided study was performed to students of the three schools in the municipality of Itajaí-SC, with 315 participants, ranging from 10 to 19 years old. The survey was carried out through the questionnaire performed in the classrooms. The study revealed that almost all of the students have heard about HPV, and point out how sexual intercourse is the main transmission mode. Less than half of the participants stated the two sexes that can be infected. Less than half of the participants confirmed having received the vaccine. The research is based on knowledge about participants with information about HPV and its vaccines. However, knowledge is shorter about forms of transmission, prevention and the fact that both sexes can be infected and vaccinated.

Keywords: *Adolescence. Human papillomavirus. Vaccination.*

1 Introdução

A infecção pelo HPV é considerada o principal fator de risco para o câncer de colo de útero, o terceiro tipo de câncer que possui maior causa de óbito em mulheres brasileiras. No mundo, em um ano, o HPV é responsável por aproximadamente 500 mil novos casos de neoplasia cervical, sendo que em 2011, 270 mil mulheres foram a óbito acometidas por esta doença, no qual o Brasil teve 5.160 dos casos (MANSI, 2007).

Além de o HPV ser comumente transmitido pelo ato sexual, pode também ser propagado por contato e via materno fetal (NAUD *et al.*, 2006). Manifesta-se através de lesões cutâneas benignas ou malignas, epidermodisplasia verruciforme, lesões mucosas benignas ou malignas (BURD, 2003). Vale ressaltar que possui uma elevada prevalência em ambos os sexos, sendo que 75 a 80% da população será infectada durante sua vida e a metade dos novos casos ocorre nos três primeiros anos de atividade sexual (FEDRIZZI, 2011; MANSI, 2007; WILEY; MASONGSING, 2006).

O HPV, que acomete a população em geral, tem como

principal grupo de imunização os adolescentes, já que sendo estes protegidos precocemente, poderão reduzir, consideravelmente, a disseminação do vírus à população futura. Este vírus apresenta mais de 100 sorotipos, sendo que cerca de 40 infectam o trato genital e destes, 18 são os causadores da maioria dos cânceres de útero (FEDRIZZI, 2011).

As vacinas contra o HPV surgiram como uma eficaz prevenção à infecção viral. A forma bivalente da vacina atua contra os sorotipos 16 e 18, enquanto a quadrivalente opera contra estes e as subespécies 6 e 11 (NAUD *et al.*, 2006). Portanto, a vacina quadrivalente possui 98% de eficácia, em quem segue corretamente o esquema vacinal (KLIEGMAN *et al.*, 2005).

Segundo informações do Ministério da Saúde, foram investidos nos últimos três anos, R\$ 1,1 bilhão para a compra de 32 milhões de doses, com uma meta anual de vacinação para 1,7 milhões de meninas de nove anos em todos os 5.570 municípios do país (BOGAZ; AMORIM, 2016).

As meninas, já beneficiadas anteriormente, seguirão no processo de imunização, mas terão ampliação na faixa etária com início aos nove anos até quatorze. O esquema vacinal também sofreu alteração, serão administradas duas doses com intervalo de 0 e 6 meses (BRASIL, 2017). Caso haja a interrupção de uma dessas doses, o esquema não deve ser reiniciado (ROSA *et al.*, 2009).

De acordo com dados do secretário de Vigilâncias em Saúde do Ministério da Saúde (2016), Antônio Nardi, a aplicação das duas doses da vacina é essencial para que as meninas possam chegar à idade adulta livres da ameaça de uma doença agressiva, como a câncer do colo de útero (BOGAZ; AMORIM, 2016).

Com base nessas premissas, este estudo tem por objetivo compreender o conhecimento que os estudantes possuem sobre o HPV, suas vacinas, bem como sua relação acerca da prevenção de doenças associadas ao vírus. Além disso, criar um diálogo para elaborar estratégias de prevenção e promoção de saúde, por meio de informações para os estudantes sobre o modo de contágio, formas de infecção e de tratamento do HPV.

2 Material e Métodos

Estudo transversal e unicêntrico foi realizado com estudantes das escolas estadual Nereu Ramos, municipal Maria Nilza Evaristo e privada São José, da cidade de Itajaí-SC. A idade variava entre 10 a 19 anos, no período de fevereiro a junho de 2016, após a assinatura dos pais ou responsáveis de um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), e igualmente através da assinatura de um Termo de Assentimento pelos Adolescentes. Os alunos excluídos são aqueles que não estavam presentes no dia da coleta, que não assinaram o Termo de Assentimento ou aqueles que os pais ou responsáveis não autorizaram a participação. As séries participantes da pesquisa foram da 5ª série do Ensino Fundamental ao 3º ano do Ensino Médio, totalizando 315 alunos.

A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade do Vale do Itajaí-UNIVALI, sob o Parecer nº. 910.774. As informações obtidas permanecem em absoluto sigilo, e os dados foram utilizados dentro das normas definidas pela Resolução CNS 466/12.

Os dados foram coletados por meio de questionário elaborado pelas estudantes pesquisadoras, após a leitura de conteúdos relacionados ao tema e compatíveis com o vocabulário dos alunos. As perguntas eram objetivas, de múltipla escolha, e estas faziam referência ao conhecimento que os estudantes tinham sobre o HPV. No total, havia 18 questões a respeito do assunto.

Após a coleta, os dados da amostra foram organizados em planilhas eletrônicas no programa Excel 2007 for Windows. Inicialmente, foram separados individualmente por escolas e, posteriormente, reunidos em um único gráfico para melhor visualização dos resultados.

Além da análise descritiva, o teste qui-quadrado (X²) foi utilizado e o nível de significância foi estabelecido de $p < 0,05$.

Posteriormente a interpretação dos dados foram realizadas palestras informativas para os estudantes no ambiente escolar, com imagens e abertura para questionamentos ao final do encontro, a fim de explanar as principais dúvidas, bem como aumentar o nível de conhecimento sobre HPV.

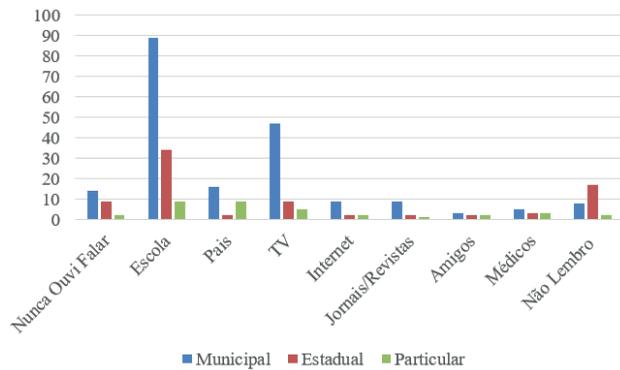
3 Resultados e Discussão

Entre os 315 participantes, 151 eram do sexo feminino, correspondendo a 47,93% e 164 eram do sexo masculino (52,06%). A idade média entre os adolescentes entrevistados foi de 13 anos, 10 meses e 15 dias, com idade mínima e máxima dos participantes de respectivamente, 10 e 19 anos.

As séries participantes da pesquisa foram constituídas, exclusivamente, pelo Ensino Médio na escola estadual “Nereu Ramos”, com 20 alunos do 1º ano, 42 alunos do 2º e 18 estudantes do 3º ano, quantificando 80 alunos. A escola municipal “Maria Nilza Evaristo” contou com participantes, exclusivamente, do Ensino Fundamental, sendo eles 25 da 5ª série, 49 da 6ª série, 39 da 7ª série, 48 da 8ª série e 39 do 9º ano, resultando um total de 200 alunos. E, por último, a escola privada “São José” apresentou um grupo mais heterogêneo, constituído por estudantes do Ensino Fundamental ao Ensino Médio, ou seja, 06 alunos da 6ª série, 04 da 8ª série, 05 do 9º ano, 09 do 1º ano do 2º grau e 11 do 2º ano do 2º grau, somando 35 alunos ao total. O universo total de participantes foi de 315 estudantes.

O estudo demonstrou que 90,79% dos estudantes já ouviram falar sobre o HPV alguma vez, sendo o valor mais alto para as participantes da escola privada (94,28%), do que para os alunos da escola municipal (91,50%) e estadual (87,50%). Tal índice permite atentar o quanto o conhecimento acerca do HPV é recente e crescente, afinal um estudo realizado em 2006, no município de São Gonçalo– RJ, constatou que somente 57,75% dos estudantes entrevistados possuíam compreensão acerca do vírus questionado, comprovando que naquela época ainda não havia total propagação das campanhas de prevenção e vacinação contra o HPV, e por conseguinte generalização do seu conhecimento (CAETANO; SILVEIRA, 2006).

A principal fonte de informações aos alunos acerca do HPV ocorreu nas escolas em todas as classes econômicas de educação, correspondendo a 41,90%. Tal fato permite observar o poder que o âmbito escolar possui a serviço da cidadania, da propagação de determinadas ideologias e da manutenção dos interesses dominantes. Segundo o Ministério da Saúde (BRASIL, 2016), a parceria entre os profissionais da saúde e os da educação é essencial para a conscientização sobre a importância da vacinação e a adesão dos adolescentes na campanha.

Gráfico 1 - Fonte de informação sobre o HPV*

*Vírus papilloma humano

Fonte: Dados da pesquisa.

Já o segundo meio de comunicação, que mais teve força de propagação de conhecimento em relação ao HPV, nas escolas públicas, foi a televisão. E mesmo atualmente, em que há um franco acesso à mídia se constatam informações que são transmitidas de forma inadequada e muitas vezes insuficientes, podendo induzir a condutas errôneas de prevenção. Tal fato ocorre, muitas vezes, por desinformação dos próprios meios de comunicação ou ainda por dificuldades de interpretação das mensagens midiáticas (OSIS *et al.*, 2014).

Na escola particular, o segundo meio mais comum de esclarecimento constatado foi através de diálogos com os próprios pais. Este fato sugere diferentes graus de interação e de comunicação entre os alunos das escolas públicas e particular com relação ao mesmo assunto.

Importante salientar que o número de alunos informados por médicos e outros profissionais da saúde é significamente maior perante os participantes da escola privada, quando comparados aos alunos das escolas públicas. Tal fato pode ser justificado devido a grande demanda que o Sistema Único de Saúde - SUS possui, dificultando diálogos e condutas preventivas entre os seus usuários, enquanto que nas clínicas particulares há maior chance para essa comunicação.

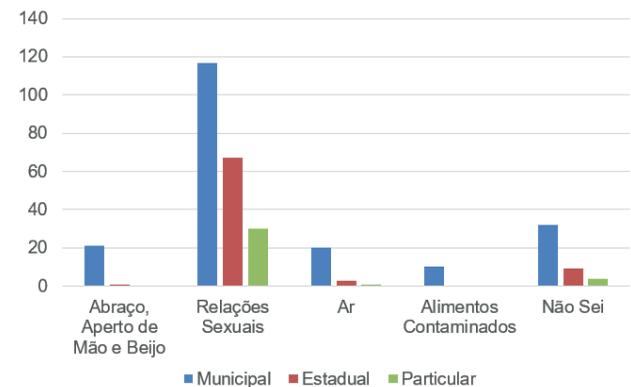
Com o seguimento da pesquisa, apurou-se que muitos alunos apresentaram dificuldade na classificação dos cinco reinos dos seres vivos, proposta por R. H. Whittaker, a qual se baseia nas diferenças morfológicas e fisiológicas de cada ser vivo. Acredita-se que a dificuldade tenha ocorrido em parte pela grande quantidade de organismos. Porém, caracteriza-se por uma dúvida de assimilação e de conhecimentos básicos da biologia, a qual a escola municipal teve o maior número de erros (22%), sendo um dado preocupante, visto o grande número de alunos que a compõem. Já a escola estadual obteve 10% de erros e a privada 11,42%.

A partir do alto número de erros no questionamento anterior, a pergunta seguinte permitiu verificar que 63,80% dos alunos não sabem o significado das siglas HPV. Observou-se, novamente, uma maior discordância de respostas por parte dos alunos da escola municipal, com 74,5% de erros, enquanto que a escola estadual apresenta 40%, contra 58% da escola particular. Porém, se constatou que todas as classes

econômicas de educação apresentaram um alto índice de “não sei”, o que significa total falta de conhecimento e, portanto, baixo índice de disseminação deste assunto nas salas de aula.

Em uma pesquisa realizada por Panobianco (2013), no município de Ribeirão Preto, com a participação de 58 adolescentes do sexo feminino, com idades variando entre 17 a 19 anos, bacharéis do curso de Enfermagem, se apurou que somente 35 das participantes (60,3%) possuíam conhecimento sobre o significado da sigla HPV, mesmo estando em um ambiente de curso superior com enfoque na saúde coletiva.

Quando indagados acerca dos modos de transmissão do HPV, a escola municipal apresentou o pior índice de acerto, totalizando 58,50% de respostas corretas. Enquanto que a escola particular apresentou 85,71% e a estadual 83,75% de acertos, certificando assim um maior índice de conhecimento sexual por parte dos alunos. Porém se torna evidente uma significativa carência de programas sobre educação sexual nas escolas, afinal é provável que os baixos índices tenham ocorrido devido ao fato de a sexualidade ser um tema pouco debatido no sistema educacional brasileiro, e mesmo com o avanço na discussão através dos movimentos feministas, ainda é uma temática pouco trabalhada no âmbito escolar, mesmo com o vigor da Lei 9.394/96, que esclarece que a orientação sexual deve ser realizada nas salas de aula (BOMFIM, 2009).

Gráfico 2 - Modos de transmissão do HPV*

*Vírus papilloma humano

Fonte: Dados da pesquisa.

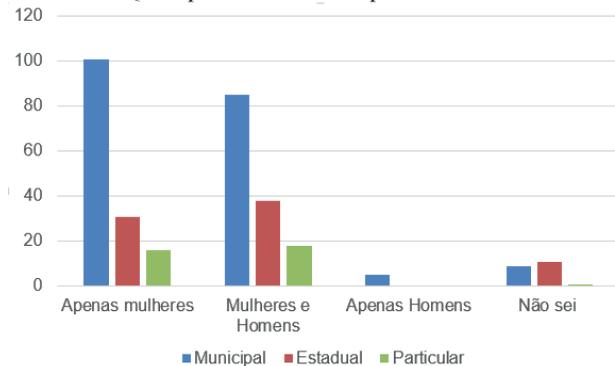
Desta forma, percebe-se que a sexualidade não é um tema isolado, e sim constitutivo do ser humano, que deve ser trabalhado socialmente, desde cedo, através das relações que a pessoa tem consigo mesmo e com o meio. A educação sexual trabalhada nas escolas auxilia na formação global dos indivíduos, prevenindo que futuros inequívocos sejam propagados.

Desse modo, conforme estudos de Conceição e Moraes (2016), é evidente que em muitas escolas brasileiras ainda está enraizado o desconhecimento dos estudantes acerca das doenças sexuais e, principalmente, o HPV, ou seja, a fragilidade do ensino escolar pouco expõe assuntos de saúde pública e, geralmente, quando o faz, isso ocorre tardiamente.

Confirmando essa discrepância de respostas entre as escolas, a grande maioria dos alunos não soube responder

quais os sexos atingidos pelo HPV. Somente 141 participantes (55,24%) sabiam a resposta para tal questionamento, enquanto que 148 deles expressaram que somente as mulheres poderiam ser afetadas pela doença.

Gráfico 3 - Quem pode ser infectado pelo HPV



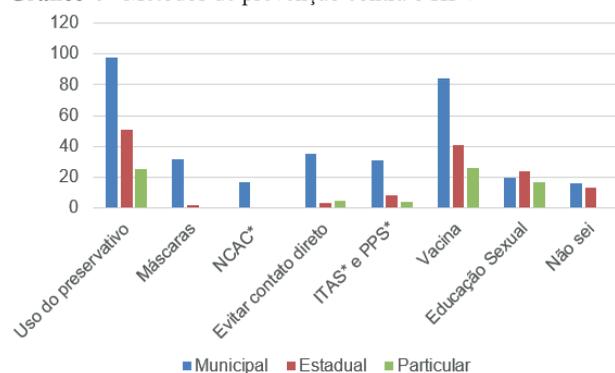
*Vírus papilloma humano

Fonte: Dados da pesquisa.

Segundo Luz (2014), em pesquisa feita com 218 alunos bacharéis de Ciências Biológicas da Universidade Federal do Piauí, em 2013, 68% dos universitários consideraram que tanto homens quanto mulheres poderiam transmitir e se infectar pelo vírus do HPV, enquanto que 25% responderam não saber e 1% não responderam. Dados não muito prósperos, uma vez que são acadêmicos de um curso com grande enfoque no aprendizado sobre manifestações e formas de vida.

Perante os métodos de prevenção do HPV, as respostas permitiram reconhecer como a falta de conhecimento sobre as DST, por parte dos alunos, ainda está presente na sociedade atual. Somente 31,52% responderam que o “uso de preservativo” é capaz de prevenir contra o HPV, e apenas 27,35% afirmaram ser a “vacinação” um método efetivo. Para 7,78%, o Vírus Papiloma Humano pode ser prevenido através do “início tardio da vida sexual e com poucos parceiros” ou se “evitando o contato direto”.

Gráfico 4 - Métodos de prevenção contra o HPV*



HPV: vírus papiloma humano. NCAC: não consumindo alimentos contaminados IT*: início tardio da atividade sexual. PP*: poucos parceiros sexuais.

Fonte: Dados da pesquisa.

Para Taquette et al. (2004), mesmo os adolescentes sabendo que o preservativo evita doenças e gravidez, muitos ainda assim não utilizam. Com isso, acredita-se que há uma

enorme lacuna entre o nível de conhecimento e o uso efetivo da “camisinha”, fato extremamente preocupante, quando se compara o baixo índice de adolescentes que reconhecem o preservativo como um método seguro de prevenção, com aqueles que de fato a usam.

Segundo estudos de Trajman e colaboradores (2003), grande parcela dos adolescentes desconhece as formas de contágio das DST, e inclusive de acordo com pesquisas de Brêtas e colaboradores (2009), o Condiloma Acuminado, causado pelo HPV, é a DST menos conhecida pelos jovens, que formaram a amostra em seu estudo.

Importante destacar a falta de esclarecimento por parte das campanhas de prevenção do Governo Federal, que focalizam muito na saúde da mulher e acabam deixando os homens de lado, sendo eles os principais propagadores do vírus, uma vez que as manifestações no sexo masculino, geralmente, são de caráter assintomático.

A fim de reverter esse quadro, o Ministério da Saúde (2016) disponibilizará, a partir de janeiro de 2017, a vacina contra o HPV para a população masculina de 12 a 13 anos na rotina do Calendário Nacional de Vacinação do Sistema Único de Saúde (Brasil, 2015). A expectativa é imunizar mais de 3,6 milhões de meninos em 2017, sendo o Brasil o primeiro país da América do Sul e o sétimo do mundo a oferecer a vacina contra o HPV para meninos em programas nacionais de imunizações.

Apesar da grande maioria dos estudantes (71,75%) ter assinalado “câncer ou lesões na pele ou interior do corpo”, como consequência da infecção pelo HPV, percebeu-se que não são todos os alunos que possuem real conhecimento acerca do assunto, pois 19,05% responderam, equivocadamente, outros sintomas como “tosse com sangue” e “dores no corpo”. Além disso, a escola privada foi a única que não marcou os quatro itens questionados, diferente da estadual e municipal que elencaram todos os sintomas.

Um estudo publicado por Panobianco (2013), com acadêmicos do curso de enfermagem de Ribeirão Preto-SP, confirma que além do enorme problema acerca da infecção causada pelo HPV existe, ainda, o desconhecimento do indivíduo sobre o próprio vírus, os sinais e os sintomas da infecção, sua relação com o câncer cervical e as formas de transmissão. Com isso, na maioria das vezes, o indivíduo só vem saber do que se trata o HPV, quando já está contaminado e procura o tratamento. Para Luz (2014), 52% dos entrevistados em sua pesquisa acreditam que exista relação sobre a existência direta entre infecção por HPV e câncer de colo de útero, 4% não acreditam nessa relação e 44% afirmaram não saber.

Em resumo, as pesquisas apontam o quanto o desconhecimento geral sobre o HPV compõe os diferentes níveis do ensino escolar, ou seja, do fundamental ao universitário, alertando sobre a necessidade de ampliar e oferecer informação de qualidade aos alunos, em termos de saúde pública, e definindo estratégias que alcancem adolescentes e pré-adolescentes, permitindo o amplo acesso à informação.

Dos 315 estudantes entrevistados, 85,40% afirmaram já terem ouvido falar na vacina contra o HPV, contra 14,61% que negaram ter escutado algo. Dentre as escolas pesquisadas, a municipal, em decorrência do maior número de alunos, foi a que apresentou conhecimento superior acerca da vacinação. Este fato se deve ao programa de campanhas de vacinação criadas pelo Governo Federal, na qual o Ministério da Saúde e o SUS reforçam a importância da vacinação contra o HPV, por meio de sites, materiais de campanha - jingle, folders, peças gráficas - e propagandas no meio televisivo e nas rádios de todo país.

O resultado de outro estudo feito com 218 estudantes universitário revela que não é somente na escola regular que há desconhecimento a respeito da vacina contra HPV, já que somente 35% dos acadêmicos entrevistados acreditam na existência da vacina, 64% desconhecem e 1% não respondeu (LUZ, 2014).

Com relação ao meio/ambiente, em que ouviram falar sobre a vacina contra HPV, aproximadamente metade dos estudantes (49%) responderam a escola, ou seja, foi na instituição de ensino na qual ocorreu a propagação de informações acerca do assunto. Em seguida, a televisão foi apontada com 14,92% e os pais com 7,62%. Outro dado que chama atenção é que aproximadamente 10% dos alunos afirmaram nunca terem ouvido falar sobre HPV.

Diante destes dados se percebe o quanto o ambiente escolar é importante na formação do conhecimento sobre educação sexual e assuntos sobre as DST de um modo geral. Neste sentido, o estudo de Panobianco (2013) ressalta que deveria haver um maior investimento na educação dos jovens para a promoção à saúde e à prevenção de doenças, em particular, as DSTs, com destaque para o Papilomavírus Humano. Além disso, este mesmo autor afirma, ainda, que a informação da população sobre os fatores de risco associados ao comportamento sexual, por meio de atividades educativas, é importante para o controle da transmissão.

Dos entrevistados, 61,58% relataram que somente as mulheres poderiam receber a vacina. Certamente, essa afirmação equivocada se deve ao fato de que, no Brasil, a vacina, até o ano de 2015, era destinada exclusivamente ao público feminino. Porém, 116 participantes (36,82%) declararam ambos os sexos, ou seja, tanto feminino quanto masculino poderiam receber a vacina.

A vacina tem sido um efetivo modo de profilaxia primária no combate contra o HPV. Esta nova proposta deve colaborar na prevenção do câncer de colo do útero, como confirma Panobianco (2013), ao dizer que as vacinas são muito eficazes na prevenção da infecção por este vírus, principalmente, quando administradas no início da vida sexual, pois os adolescentes e pré-adolescentes são sexualmente imaturos e adquirem boa resposta imune. Diante disso, percebe-se o quanto esta parcela da população merece atenção e cuidado no que se refere à informação e prevenção sobre o HPV.

Dos estudantes participantes, 40% responderam que receberam a vacina contra HPV, 35% que não e 24% não sabiam informar. A escola municipal apresentou maior número de alunos imunizados, possivelmente, isso ocorreu porque eles compõem a maioria dos indivíduos dentro da pesquisa (63%).

É importante lembrar que a vacinação do HPV, antes da exposição ao vírus, resulta em uma proteção estável tanto para homens como para mulheres (MOLIJN *et al.*, 2005).

Por este motivo, a campanha de vacinação, inclusive, nas escolas, públicas e privadas, além das 36 mil salas de vacinação da rede pública de saúde, em todo o Brasil, trabalham com objetivo de imunizar meninas, a partir dos 9 anos oferecendo uma cobertura preventiva de 70% do câncer de colo de útero (BRASIL, 2015). Aliás, como citado anteriormente, em 2017, o Brasil vai oferecer a vacina contra o HPV para meninos de 12 a 13 anos na rotina do Calendário Nacional de Vacinação do Sistema Único de Saúde.

A maioria dos estudantes (30%) respondeu que se encontram no programa de 2ª dose da vacina. O Ministério da Saúde alterou o calendário vacinal de 2016, reduzindo para duas doses e não três como era anteriormente, porém a pesquisa não conseguiu identificar se esta segunda dose já era de fato a última dose do programa vacinal já alterado.

A grande maioria dos entrevistados informou que recebeu a primeira dose da vacina entre 11 a 13 anos, com pico maior aos 12, totalizando um percentual próximo de 23%. No atual calendário vacinal, a primeira dose deve ocorrer entre 9 e 13 anos com repetição da segunda dose 6 meses após a primeira aplicação. Aproximadamente, 67% dos estudantes sabem que receberam a vacina, mas não souberam informar exatamente com quantos anos.

É importante ressaltar que a infecção é adquirida após o início da atividade sexual, por isso, a vacina é recomendada para mulheres que ainda não iniciaram essa atividade, sendo a idade recomendada os 12 anos, podendo ter início a partir dos nove anos (PANOBIANCO, 2013).

A respeito do principal motivo que os levaram a receber a vacina, os alunos afirmaram que a escola foi a grande incentivadora, com 16,82%. Os pais vieram logo em seguida, com 16,19% e os profissionais da saúde em terceira posição, com 5,71%. Aqueles que não souberam informar o motivo da imunização contabilizaram 26,66% e os que se declaram não vacinados 33,65%. Outro dado que chama atenção é que 83 alunos, das escolas estadual e municipal, não souberam identificar qual foi o principal motivo que os levaram a receber a vacina, isto é, 26,34%, o que demonstra um descaso diante de uma prevenção tão importante em suas vidas, alertando para maior atenção com os alunos da rede pública.

Com isso, percebe-se o quanto o meio escolar e a estrutura familiar são fundamentais na constituição e organização desses jovens no que rege as orientações e os cuidados com a saúde.

4 Conclusão

A infecção genital pelo HPV é, atualmente, a mais frequente doença sexualmente transmissível tanto para mulheres quanto em homens. Compreenda-se que a maioria das infecções ocorra em mulheres jovens, e que o número de infectados diminui entre os grupos da meia idade, havendo segundo pico após os 50-60 anos.

Tal fato permite constatar que o início da vida sexual, cada vez mais precoce, é um grande fator de risco à infecção e, portanto, fundamental para que ocorram esclarecimentos aos adolescentes quanto à forma de transmissão, bem como de prevenção às infecções sexualmente transmissíveis.

A vigente pesquisa permitiu observar, a partir de questionários e palestras educativas, o nível de conhecimento dos jovens acerca das DST, com maior enfoque no HPV. Buscou-se através de diálogos, ampliar conhecimentos e disseminar informações sobre educação sexual, uma vez que se constatou um grande déficit de conhecimento nessa temática. Assim, as palestras tiveram um enfoque mais participativo, a fim de que os alunos esclarecessem suas dúvidas relacionadas ao tema, de forma descontraída, mas que permitisse um grande aprendizado.

O estudo permitiu detectar, que a grande maioria dos estudantes tem noções básicas sobre o HPV, sendo esse valor maior perante os alunos da rede privada de ensino, e que em todos os níveis de educação, a escola foi a principal propagadora dessas informações. Contudo, muitos alunos não souberam responder corretamente as formas de transmissão e de prevenção sobre o HPV, comprovando a falta de educação sexual no plano escolar. Metade dos alunos errou acerca dos sexos atingidos pelo HPV, na qual a grande maioria acreditava afetar somente as mulheres, e bem como somente elas deveriam receber a vacinação.

Com relação à vacinação contra o HPV, 85,40% dos entrevistados afirmaram já terem ouvido falar algo a respeito, sendo que somente 40% dos participantes afirmaram terem sido vacinados. O principal motivo que levou os estudantes a receber a vacina, foi o incentivo da escola, seguido do incentivo dos pais.

De modo geral, averigou-se que as participantes femininas, estudantes da rede privada e estadual de ensino possuem um nível de conhecimento superior, quando comparados aos alunos masculinos e aos estudantes da rede municipal. Com a meta do Ministério da Saúde de vacinar mais de 3,6 milhões de meninos em 2017, acredita-se que o conhecimento da população acerca do HPV, seus métodos de transmissão e prevenção, se tornarão mais difundidos na comunidade e, assim, com um maior número de adolescentes vacinados.

Referências

BOGAZ C; AMORIM AC. Ministério da Saúde. 2016. Disponível em: <www.saude.gov.br>. Acesso em: 8 fev. 2017.

BOMFIM, S.S. Orientação sexual na escola: tabus e preconceitos,

um desafio para a gestão. Salvador: Universidade do Estado da Bahia, 2009.

BRASIL. Ministério da Saúde. Comitê permanente de acompanhamento da vacina do HPV. Brasília: Ministério da Saúde, 2015.

BRASIL. Ministério da Saúde. *Novo calendário vacinal de 2017*. 2017. Disponível em: <http://portal.arquivos.saude.gov.br/images/pdf/2017/marco/03/Novo-calendario-vacinal-de-2017.pdf>. Acesso em: 20 out. 2017.

BRÊTAS, J.R.S. *et al.* Conhecimentos de adolescentes sobre doenças sexualmente transmissíveis: subsídios para prevenção. *Acta Paul. Enferm.*, v.22, n.6, p.786-792, 2009. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-21002009000600010>.

BURD, E.M. Human papilloma vírus and cervical cancer. *Clin. Microbiol. Rev.*, v.16, n.1, p.1-17, 2003.

CAETANO, J.C.S.; SILVEIRA, C.L.P. *Abordagem do HPV na escola: caminhos e questionamentos no terceiro ano do ensino médio*. 2006. Disponível em: <http://30reuniao.anped.org.br/posteres/GT23-3583--Int.pdf>. Acesso em: 15 fev. 2017.

CARVALHO, J.J.L.; OYAKAWA, N. *I Consenso brasileiro de HPV*. Sao Paulo: BG Cultural, 2000.

CONCEIÇÃO, C.V.; MORAES, M.A.A. Orientações sobre vacinação contra o HPV em escolas públicas no interior do Estado de São Paulo. *Caminho Aberto Rev. Extensão IFSC*, v.3, n.5, p.57-60, 2016.

FEDRIZZI, E.N. Epidemiologia da infecção genital pelo HPV. *Rev. Bras. Pat. Trato Gen. Inf.*, v.1, n.1, p.3-8, 2011.

FERREIRA C.; MATOS AA; OLIVEIRA B. Cancro do colo do útero: o que sabem as jovens? *Rev. Port. Med. Geral Fam.*, v.29, p.226-234, 2013

JEON, S.; LAMBERT, P.F. Integration of human papillomavirus type 16 DNA into the human genome leads to increased stability of E6 and E7 mRNAs: implications for cervical carcinogenesis. *Proc. Natl. Acad. Sci.*, v.92, p.1654-1658, 1995

KLIEGMAN, R.M.; BEHRMAN, R.E.; JENSON, H.B.N. *Tratado de pediatria*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2009.

LUZ, N.N.N. *et al.* Acadêmicos, a percepção sobre o papilomavírus humano e sua relação como câncer cervical. *Semina Ciênc. Biol. Saúde*, v.35, n.2, p.91-102, 2014.

MANSI, J.A. Vaccination against human papillomavirus. *CMAJ*, v.177, n.2, p.1524, 2007. doi: 10.1503/cmaj.1070118

MOLIJN, A. *et al.* Molecular diagnosis of human papillomavirus (HPV) infections. *J. Clin. Virol.*, v.32, p.43-51, 2005. doi: 10.1016/j.jcv.2004.12.004

NADAL, L.R.M.; NADAL, S.R. Indicações da vacina contra o papiloma vírus humano. *Rev. Bras. Coloproct.*, v.28, n.1, 2008. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/S0101-98802008000100019>

NAUD, P. *et al.* Factors predicting intermediate endpoints of cervical cancer and exposure to Human papillomavirus (HPV) infections in young women screened as potential targets for prophylactic HPV vaccination in south of Brazil. *Eur. J. Obstet. Gynecol. Reprod. Biol.*, v.1, n.124, p.110-118, 2006. doi: 10.1016/j.ejogrb.2005.02.001

OSIS, M.J.D.; DUARTE, G.A.; SOUSA, M.H. Conhecimento e atitude de usuários do SUS sobre o HPV e as vacinas disponíveis no Brasil. *Rev. Saúde Pública*, v.48, n.4, p.123-133, 2014. Doi: <http://dx.doi.org/10.1590/S0034-8910.2014048005026>.

PANOBIANCO, M.S. *et al.* O conhecimento sobre HPV entre adolescentes estudantes de graduação em enfermagem. *Texto*

Contexto Enferm., v.1, n.22, p.201-207, 2013.

ROSA, M.I. et al. Papiloma vírus e neoplasia cervical. *Cad. Saúde Pública*, v.25, n.5, p.953-964, 2009. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-311X2009000500002>

SILVA, L.A.P. et al. Imunização contra o HPV em escola pública de Paracatu-MG. *Saúde Transf. Soc.*, v.7, n.3, p.176-181, 2016.

SOUZA AF; COSTA LHR. Conhecimento de mulheres sobre HPV e câncer do colo do útero após Consulta de Enfermagem. *Rev. Bras. Cancerol.*, v.4, n.61, p.343-350, 2015.

TAQUETTE SR; VILHENA MM; PAULA MC. Doenças sexualmente transmissíveis na adolescência: estudo de fatores de risco. *Med. Trop.*, v.37, p.210-214, 2004.

TRAJMAN, A. et al. Knowledge about STD/AIDS and sexual behavior among high school students in Rio de Janeiro, Brazil. *Cad. Saúde Pública*, v.19 n.1, p.127-133, 2003.

WILEY, D.; MASONGSONG, E. Human papillomavirus: the burden of infection. *Obstet Gynecol Surv.*, v.61, p.3-14, 2006.